

IDENTIDADES E ESTEREÓTIPOS EM “LOS COLORES” DE NUNILA LOPEZ SALAMERO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA.

Ângela Paula Nunes FERREIRA

Neste artigo, propomo-nos a realizar, à luz da Análise do Discurso de Linha Francesa e dos Estudos Culturais, uma leitura discursiva do conto infantil “Los colores” de Nunila López Salamero. Para tanto, identificaremos qual(is) a(s) “vontades de verdade” relacionada(s) às relações de gênero presente(s) no conto, bem como qual(is) a(s) identidade(s) e estereótipo(s) de gênero apresentada(s) e ainda apresentaremos uma proposta de leitura do conto em sala de aula. Partindo-se dos conceitos de identidade, estereótipo e de “vontades de verdade”, podemos afirmar que no conto, o sujeito-mulher representado pelo rosa é identificado como a cor proibida de pensar e decidir, enquanto o sujeito-homem, representado pelo azul é identificado como a cor proibida de chorar e sentir medo. A cor lilás representa a união das forças entre homens e mulheres em busca da igualdade de gêneros em nossa sociedade.

Palavras-chave: conto- gênero – identidade - estereótipo - vontades de verdade.

INTRODUÇÃO

Onde está ela?
Atividade/passividade,
Sol/lua,
Cultura/natureza,
Dia/noite,
Pai/mãe,
Cabeça/coração,
Inteligível/sensível,
Homem/mulher.
(CIXOUS, 1975, p.90)

Em todas as sociedades, as diferenças entre os indivíduos têm sido utilizadas como justificativa para legitimação de interesses políticos, econômicos, religiosos, apoiando a construção de segregações a partir de noções de superioridade e inferioridade, normalidade e anomalia, doença e sanidade.

Em regra, as diferenças são apresentadas a partir do estabelecimento de uma identidade apresentada positivamente (o homem, o europeu, o ocidental) em contraposição a outra apresentada negativamente como diferente (a mulher, o indígena, o oriental). Tais diferenças impõem um *status* de superioridade de um grupo em relação ao outro. De acordo com Avta Brah “a questão não está na diferença em si, mas em como, por que e por quem ela é definida” (2006, p. 358), ou seja, as condições em que são produzidas, quais os interesses em jogo, quais os efeitos que esses processos produzem e sobre quem eles produzem seus efeitos.

Essas diferenças são utilizadas na constituição de identidades dicotômicas e ao se considerar a identidade predominante como positiva, em oposição a uma outra negativa, justifica-se a aplicação de medidas que visem ajustar aquelas apresentadas negativamente.

Essas identidades são erigidas a partir de dispositivos concernentes à articulação de instituições, organizações sociais, saberes produzidos em vários campos da vida social, que acabam por interferir na forma como se organizam as relações sociais e nosso modo de pensar e senti-las.

No que concerne a estes dispositivos, faz-se importante ressaltar que os mesmos não contêm apenas mecanismos de opressão, mas também, segundo Michel Foucault (1995), de resistência. Como produtos sócio-históricos que são, esses dispositivos mudam.

No que diz respeito às relações de gêneros, os movimentos de mulheres surgem como forma de resistência a todas as formas de subordinação do feminino.

Nesse contexto, o conto “Los Colores” de Nunila Lopez Salamero se apresenta como representante do movimento feminista, ao denunciar as diferenças feitas entre homem e mulher na nossa sociedade, propagando a ideia de relações igualitárias de gênero.

Nesse artigo, nos propomos realizar uma leitura discursiva do conto infantil “Los colores” de Nunila López Salamero. Para tanto, identificaremos qual(is) a(s) “vontades de verdade” relacionada(s) as relações de gênero presente(s) no conto, bem como qual(is) a(s) identidade(s) e estereótipo(s) de gênero apresentada(s) e ainda apresentaremos uma proposta de leitura do conto em sala de aula.

1 APORTES METODOLÓGICOS

De acordo com Moreira e Caleffe (2008, p.60), “o interesse central de todas as pesquisas nesse paradigma é o significado humano da vida social e a sua elucidação e exposição pelo pesquisador.” Desta maneira, a nossa pesquisa adota uma abordagem qualitativo-interpretativista, na medida em que se dispõe a realizar, à luz da Análise do Discurso francesa, e dos Estudos Culturais, uma leitura discursiva do conto. Para tanto, o pesquisador será considerado instrumento de coleta de dados e, portanto deve ser capaz de reconhecer, classificar e distinguir as sutilezas dos significados que emergem.

Tendo em vista ainda que a análise é um processo que se inicia pelo próprio estabelecimento do *corpus*, organizando-se face à natureza do material e à pergunta que o organiza, este será constituído pelo conto “Los colores”, de Nunila López Salamero, considerando o fato dele constituir-se em discurso, a medida em que foram produzidos por um sujeito em um lugar institucional, determinado por regras sócio-históricas que definem e possibilitam que os mesmos sejam enunciados.

Para tanto, utilizaremos o método arqueológico apresentado por Michel Foucault (2009) em sua obra "A arqueologia do saber", através do qual se tenta compreender a irrupção dos acontecimentos discursivos, investigando as condições histórico-culturais que desencadearam o seu aparecimento.

O enunciado será considerado como unidade elementar do discurso, enxergado no interior de uma historicidade, tendo em vista que "entre o enunciado e o que ele enuncia não há apenas relação gramatical, lógica ou semântica; há uma relação que envolve os sujeitos, que passa pela História, que envolve a própria materialidade do enunciado." (GREGOLIN, 2006, p.90).

2 APORTES TEÓRICOS: NOS CAMINHOS DA AD E DOS ESTUDOS CULTURAIS

A cultura é como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, têm visões desencontradas das coisas.

(Ruth Benedict, O Crisântemo e a espada)

No pós-Segunda Guerra Mundial, emerge na Inglaterra, sob o título de *Cultural Studies*, uma corrente de pesquisa que tinha como ponto em comum, o fato de considerar a cultura em sentido amplo, antropológico, atendo-se a uma abordagem da cultura dos grupos sociais.

É neste contexto que se insere o estudo da identidade e a indagação acerca da sua rigidez e estabilidade que prevalecia até meados do século XIX. A identidade só foi tomada como objeto de investigação quando se transformou em um problema, o que se deveu precipuamente ao enfraquecimento do Estado-nação e ao processo de globalização, que surgiu como uma forma de mudança radical e irreversível, representando uma grande transformação que afetou as estruturas estatais, as condições de trabalho, as relações entre os Estados, a subjetividade coletiva, a produção cultural, a vida cotidiana e as relações entre o eu e o outro. A temática da identidade se coloca na contemporaneidade, a medida que se apresenta como um problema na conjuntura social da segunda metade do século XIX.

Na Idade Moderna, as identidades eram rígidas, estabilizando o mundo social, assim, os conceitos do que seria “ser homem”, “ser mulher”, “ser oriental”, “ser ocidental”, “ser europeu” estiveram bem definidos. No entanto, a partir de meados do século XX, a identidade passou a ser considerada como algo fluido, modificável e não algo estático, que se impõe sobre o indivíduo ao nascer.

Numa sociedade que tornou incerta e transitória as identidades sociais, culturais e sexuais, qualquer tentativa de solidificá-las nos levaria à formulação de estereótipos.

Chimamanda Adichie (2011) afirma que “A história única cria estereótipos. E o problema com os estereótipos não é eles serem mentiras, mas eles serem incompletos.”

Relacionar a identidade, a história, ou a leitura de um indivíduo, grupo social, nação, apenas a partir de uma das identidades linguísticas, econômicas, sexuais, possíveis, ou a apenas um fragmento da história de cada um deles, é ter uma leitura única e, portanto estereotipada sobre eles, transformando uma história em “a única história.”

A história única, criada a partir de uma leitura única, relaciona um indivíduo, grupo social, nação etc, apenas com uma identidade que pode ser entendida como identificações de um indivíduo ou grupo, ou seja, sentimento de pertencimento com determinado grupo, etnia, raça, gênero, orientação sexual, classe social, constituindo a imagem que se tem de si próprio ou dos outros, a partir destas identificações, fluidas, transitórias.

De acordo com Chimamanda (2011), “A consequência da história única é isto: rouba as pessoas da sua dignidade.” Ex. uma pessoa que foi pega roubando, pode sofrer agressões físicas da polícia pois, de acordo com o senso comum, é um bandido, ou seja, é maléfico à sociedade; um africano, sempre é visto como pobre, aquele que passa fome, que sofre de doenças como AIDS, porque é essa a história única apresentada durante muito tempo sobre a África, a partir de uma leitura única feita daquele continente, principalmente através da mídia, que faz com que os africanos sejam estereotipados e subjugados.

Ao retomar a assertiva Foucaultiana de que não se pode pensar qualquer coisa em qualquer momento, uma vez que pensamos apenas nas fronteiras do discurso do momento, Veyne (2011,p.49) afirma que “sempre somos prisioneiros de um aquário do qual nem sequer percebemos as paredes; como os discursos são incontornáveis, não se pode, por uma graça especial, avistar a verdade verdadeira, nem mesmo uma futura verdade ou algo que se pretenda como tal.”

Assim, são os discursos, metaforizados por Veyne como aquários que nos permitem estabelecer determinadas identidades ou estereótipos, uma vez que as identidades são produzidas nos discursos e através deles.

De acordo com Foucault (2010, p.180), a partir de discursos tidos como verdades absolutas em nossa sociedade, produto das relações de poder, “somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer.” É deste modo que a identidade pode ser um caminho para a emancipação, mas também pode servir como forma de opressão.

É o que ocorre no momento em que, a partir de uma leitura única, construímos uma história única de determinado indivíduo, povo, grupo social, estereotipando-lhes, negando-lhes antecipadamente qualquer outra identidade que possam almejar.

As mudanças do mundo moderno transformaram a identidade e o pertencimento em categorias fluidas, líquidas, errantes. Pensar a identidade é refletir sobre o “deslocamento”. Individualmente pertencemos a várias comunidades, por consequência, temos várias identidades que se dão a partir da representação de instituições como a família, o Estado, a Igreja que se impõe ao indivíduo ao nascer, em defesa de línguas, memórias, costumes e

hábitos. Não somos expostos a apenas uma comunidade de ideias e princípios de cada vez, o que acarreta uma condição eternamente provisória da identidade.

Nos casos das relações de gênero, é comum que estereótipos sejam utilizados para impor determinadas formas de agir, pensar e viver, justificando e perpetuando práticas intolerantes em relação a homens e mulheres que são colocadas à margem da ordem do discurso, tornando-se vítimas de violências físicas e simbólicas.

Nesse contexto, o conto “Los colores” se apresenta como resistência a esses discursos perpetuados durante séculos em nossa sociedade, conforme analisamos no tópico seguinte.

3 UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO CONTO “LOS COLORES” DE NUNILA LOPEZ.

3.1 IDENTIDADES E ESTEREÓTIPOS EM “LOS COLORES”.

Os personagens do conto são apresentados a partir de identidades associadas às cores em nossa sociedade. Inicialmente, temos a cor “verde”, identificada como cor da esperança. Sendo representado ainda como divertido, por viver na grama, no muco do nariz das crianças e nas cristas dos punks.

A cor amarela se apresenta relacionada à alimentação, pelo fato de no universo infantil está presente sobretudo nos cereais. A cor laranja, por sua vez, associa-se ao calor, por ser a cor que vive no sol. Assim, quando as demais cores sentem frio, procuram o laranja, e voltam a ficar “quentinhas”.

O marrom, relacionando-se a discursos que permeiam nossa sociedade, está associado a situações desagradáveis. Por não aguentar mais este estereótipo, o marrom decide viver nos bosques e agora, quando as outras cores estão com problemas, cansados, sobrecarregados, vão à procura do marrom para tranquilizar-se.

O vermelho está sempre metido em encrências, sejam elas políticas ou amorosas. Esse estereótipo é proveniente do fato desta cor estar associada ao amor, e também às revoluções, manifestos, partidos de esquerda, etc. Além disso, representa a cor do coração e também do sarampo.

Ao apresentar as cores branca e preta em uma única página, percebemos uma “vontade de verdade” vigente em nossa sociedade nos dias atuais, de união, igualdade, não-racismo, se contradizendo a uma “vontade de verdade” que circulou durante muito tempo, que propagava a segregação entre brancos e negros, marcada pela superioridade da cor branca.

O branco sempre esteve associado à pureza, enquanto o preto representava a cor da noite, da tristeza, do mal. De acordo com o conto, na verdade, o preto e o branco estavam sempre juntos, porque eles sabiam que tudo que é bom tem algo de errado e que tudo que é ruim tem um lado bom, assim como a sombra e a luz, e eles não eram diferentes, não existia relação de superioridade e inferioridade entre eles, já que ambos são “faces da mesma moeda”.

Diferente do que foi visto por muito tempo em nossa sociedade, na qual foi traçada uma dicotomia entre o que pertence ao feminino e o que pertence ao masculino, dicotomia representada pela oposição entre a cor rosa, referente ao feminino, enquanto o azul pertencente ao mundo masculino. É muito comum, inclusive, até hoje, ouvirmos afirmações do tipo: Estou grávida de um menino, meu mundo agora é “azul”.

Se apresentando como resistência a essa “vontade de verdade” que vigorou durante muito tempo, de que homem e mulher deviam estar em posições dicotômicas, representados respectivamente pelas cores azul e rosa, o conto “Los colores” apresenta as cores azul e rosa, representantes do feminino e masculino, não através de características opostas, mas são apresentadas concomitantemente, através de características associadas a ambas as cores “carinhosos, generosos, fortes e valentes.” É esta a “vontade de verdade” apresentada no conto, no que diz respeito às relações entre homem e mulher.

Para marcar “vontades de verdades” até então vigentes em nossa sociedade, que marcam relações desiguais de gênero e impunham limitações aos indivíduos por ser “homem” ou ser “mulher”, o conto registra que por muito tempo, o rosa foi proibido de pensar e decidir. A mulher foi imposto que só poderia brincar de boneca. Por sua vez, o azul foi proibido de chorar e sentir medo. A ele só foi permitido jogar bola. Para representar as consequências danosas que esta dicotomia trazia aos indivíduos, o conto apontou que apesar de não ser permitido, o azul adorava brincar de boneca, e o rosa achava interessantíssimo jogar bola.

E assim como no mundo dos humanos, homens e mulheres sofriam por essas imposições, e estes estereótipos que lhes eram atribuídos, as cores azul e rosa também desejavam se livrar desses estereótipos e viver e agir conforme seus desejos e vontades, independente do gênero a que pertenciam. Esse desejo de resistência é representado no conto através da cor “lilás”. O lilás surge como a possibilidade de união entre azul e rosa, homem e mulher, para que assim, se livrassem dos estereótipos traçados, e agissem com liberdade em sua plenitude, ambos podendo chorar, pensar, sentir medo, brincar de bonecas e jogar bola.

Dessa forma, para concluir a descrição das cores, nos é apresentado “os incolores” representando os que perderam a cor devido à amargura. Os incolores representam aquelas pessoas que vivem em função de provocar e assediar homens e mulheres que desejam se livrar dos estereótipos e imposições traçadas acerca das suas identidades.

3.2 PROPOSTA DE AULA

Texto: “Los Colores” de Nunila López Salamero.

Duração: 50 min.

Idade: 7-8 anos.

1º momento:

Perguntar aos alunos:

- 1- Qual a sua cor preferida? Por quê?
- 2- Qual o significado de cada cor?

2º momento:

Apresentar o texto em data show e realizar uma leitura em voz alta para os alunos.

3º momento:

Perguntar aos alunos:

- 1-Do que fala o texto?
- 2-Quem são os personagens do texto?
- 3-De acordo com o texto, qual o significado das cores verde, amarelo, laranja, vermelho, branco, negro, rosa e azul?
- 4-No início do texto, o rosa e o azul eram iguais ou diferentes?
- 5-Como eram as duas cores?
- 6-Por que mudaram?
- 7-As cores ficaram felizes com essas mudanças? Por quê?
- 8-Que fizeram para modificar essa situação?
- 9-O que os incolores fizeram com o rosa e o azul?
- 10-O que ocorreu depois de muitos anos?
- 11-Como surgiu a cor lilás?
- 12-Quais são as características da cor lilás?
- 13-Onde vive o lilás?

4º momento:

Pedir aos alunos que contem experiências que viveram relacionadas ao texto, pedir que escrevam em uma folha o que tem vontade de fazer e lhes é negado por ser meninos ou meninas e em seguida pedir que os alunos joguem esses preconceitos na cesta de lixo.

CONCLUSÃO

A relação assimétrica entre homens e mulheres é construída socialmente. Durante muito tempo, nas relações sociais, predominou uma ideologia de que homem é melhor do que mulher, que pode mais, que é mais forte, capaz, inteligente, corajoso sustentada por dispositivos de saber-poder oriundos de discursos científicos, religiosos e jurídicos que se sustentam inclusive em relatos bíblicos, no senso comum e no ordenamento jurídico. Esse entendimento passa pelo aprendizado, desde a infância, e se consolida por meio de um imaginário social e de comportamentos que, em geral, valorizam o masculino em detrimento do feminino, estabelecendo uma relação de dominação do homem, em todos os setores da sociedade.

Neste contexto, o conto “Los colores” se apresenta como resistência a esta “vontade de verdade” que durante muito tempo predominou em nossa sociedade, impondo limitações aos seres humanos, apenas pelo fato de pertencerem ao gênero feminino ou masculino.

A leitura deste texto em sala de aula se faz de relevante importância, pois além de trabalhar com o léxico correspondente as cores em Língua Espanhola, é uma importante oportunidade de trabalhar com às questões de gênero, desconstruindo estereótipos e “verdades” que contribuem para relações desiguais de gênero em nossa sociedade.

O conto, ao apresentar outras possibilidades de identidades para “o azul” e o “rosa”, homens e mulheres, contribui para a construção de relações igualitárias de gênero.

Com o presente artigo, esperamos contribuir para uma educação voltada para a igualdade de gêneros, pois consideramos que há uma relação direta, de interdependência, simbiose, de causa e consequência, sorte ou revés entre educação e toda forma de discriminação, uma vez que se a desigualdade de gêneros, em suas diversas formas, tem influência direta e negativa na educação, por outro lado, a educação sempre contribui de forma relevante e significativa no combate e eliminação das diversas modalidades de desigualdades, inclusive nas pertinentes a questão de gênero.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedito Vecchi. Trad. Bras. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Editor, 2008.

BRAH, Avta. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cadernos Pagu (26), jan./jul de 2006, p. 329-376.

CHIMAMANDA, Adichie. **Os perigos de uma história única**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>. Acesso em: 12 out. 2011.

CIXOUS, Hélène. **Sorties**. La Jeune Née. Paris: Union Générale d'Éditions, 1975.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 15.ed. São Paulo: Loyola, 2007.

_____. **Arqueologia do Saber**. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense universitária, 2009.

_____. **Microfísica do poder**. São Paulo: Graal, 2010.

_____. **O sujeito e o poder**. In: RABINOW, P & DREYFUS, H. Michel Foucault. Uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.231-249.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso- diálogos e duelos**. 2.ed. São Carlos: Claraluz, 2006.

HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

INDUSKY, Freda. **A fala dos quartéis e outras vozes**. Campinas, SP. UNICAMP, 1997.

MATTELART, Armand e NEVEU, Érik. **Introdução aos estudos culturais**. São Paulo: Parábola, 2004.

MOREIRA, Herivelto, CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro, Lamparina, 2008.

SALAMERO, Nunila López. Los colores. In.: SALAMERO, Nunila López. **Cuentos para antes de despertar**. Barcelona: Planeta, 2012.

VEYNE, Paul. **Foucault, seu pensamento, sua pessoa**. Trad.: Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.